

EÇA DE QUEIRÓS E A CRÍTICA LITERÁRIA: REVISTA COLÓQUIO/LETRAS
(Nº. 01-165/1971-2003)

Juliana Casarotti FERREIRA¹

RESUMO: A partir da análise dos ensaios publicados na revista *Colóquio/Letras* que têm Eça de Queirós como tema, este estudo busca identificar a maneira pela qual a crítica literária compreende o autor de *Os Maias*.

ABSTRACT: From the analysis of the essays published in *Colóquio/Letras* magazine that have Eça de Queirós as theme, this study intends to identify how the literary criticism understands the author of *Os Maias*.

1. A REVISTA COLÓQUIO/LETRAS

A revista *Colóquio/Letras* surgiu da divisão de uma publicação chamada *Colóquio – Revista de Artes e Letras*, que possuiu um total de 61 números editados pela Fundação Calouste Gulbenkian entre janeiro de 1959 e dezembro de 1970. O primeiro número do periódico sai em março de 1971, contando, até o ano de 2007, com a publicação do número 165 referente aos meses de setembro a dezembro do ano de 2003.

A *Colóquio* é publicada na cidade de Lisboa (Portugal), de início trimestralmente, pela Fundação Calouste Gulbenkian. Essa Fundação pode ser definida como uma instituição portuguesa de Direito privado e utilidade pública, cujos fins estatutários são: a Educação, a Ciência, a Beneficência e as Artes. Foi criada por disposição testamentária de Calouste Sarkis Gulbenkian e seus estatutos foram aprovados em 1956. Calouste foi um milionário judeu armênio, nascido em 1869 e falecido em Portugal em 1955. Sua fortuna proveio da concessão de 5% de participação em quatro grandes companhias de petróleo, dentre estas a Shell e a Bristish Petroleum. Por sua participação na transferência dos ativos da Companhia Iraquiana de Petróleo durante a Segunda Guerra Mundial, foi viver no neutro Portugal e com seu patrimônio pôde satisfazer a paixão por obras de arte adquirindo várias delas, possibilitando a abertura de um museu. Em agradecimento pela acolhida do novo país, ao morrer, legou seus bens aos portugueses na forma de uma fundação.

Pela *Colóquio* passaram quatro direções. A primeira direção foi compartilhada entre Hernâni Cidade e Jacinto do Prado Coelho, manteve-se de março de 1971 a janeiro de 1975, os diretores assumem os números de 1 a 23. Com o falecimento de Hernâni Cidade, em 1975, Jacinto do Prado Coelho terá o cargo de diretor até maio de 1984, quando se dá sua morte, sua direção contabiliza os números de 24 a 79. David Mourão-Ferreira será o substituto de Prado Coelho, a direção desse intelectual português acabará em abril de 1996, isto é, compreende os números 80 a 140/1. Devido seu falecimento, quem passa a dirigir o periódico, a partir do número 142 de outubro de 1996, é Joana

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Letras – Faculdade de Ciências e Letras-UNESP/Assis. Orientador: Dra. Rosane Gazolla Alves Feitosa. Bolsista: CNPq. E-mail: julianalettras@hotmail.com.

Morais Varela, que se mantém ainda hoje na chefia da *Colóquio*. Como se nota, a causa de mudança dos diretores é sempre a morte, por isso durante seus 36 anos de publicação, o periódico não conheceu muitas direções, sendo essa uma característica que o aproxima do caráter tradicional do jornalismo.

Impossível enumerar os colaboradores que têm passado pelas páginas da *Colóquio/Letras*, entretanto, pode dizer-se que, pelo menos no que se refere à literatura portuguesa mais significativa, a maioria tem contribuído de maneira textual como, principalmente, na respectiva bibliografia crítica ou ensaística.

O periódico tem um papel relevante no conjunto da *Letras*, pois se define como um espaço para o estudo crítico e reflexivo de autores e obras literárias. A respeito da continuidade, da amplitude e da minúcia do trabalho desenvolvido pela *Colóquio* no âmbito das *Letras*, no editorial do número 100 (1987), comenta David Mourão-Ferreira, escritor e professor universitário português, que dirigiu a revista de 1984 a 1996:

Pensamos que será decerto indispensável a consulta de tais milhares de páginas para doravante se compreender ou historiar não só a literatura portuguesa destas duas últimas décadas mas também a de boa parte das demais literaturas que em português igualmente se exprimem; e, nesse espaço de tempo, nesses vários quadrantes, não haverá autor mais ou menos representativo que não tenha encontrado aqui, uma vez que seja, ou a recensão a algum de seus livros, ou o registro da repercussão que eles foram alcançando, ou até a mais desenvolvida abordagem crítica deste ou daquele aspecto da globalidade da sua obra. De idêntico modo urgirá sem dúvida recorrer àqueles mesmos milhares de páginas para se entender ou avaliar, no mencionado período e nos aludidos domínios, ora a coexistência de diversificadas linguagens críticas, ora a reveladora evolução de perspectivas e métodos preponderantes. Por outra parte – e ainda que possa considerar-se *Colóquio/Letras*, como sempre de resto se tem sublinhado, mais uma revista sobre literatura que revista de literatura –, tão-pouco têm deixado de em suas páginas continuamente comparecer – sem distinção de tendências, de gerações, de ideologias, e desde os mais consagrados vultos a recentíssimas ‘revelações’ – inúmeros e contrastados exemplos da narrativa contemporânea, e sobretudo da poesia contemporânea, sem todavia se negligenciar a incessante publicação de textos inéditos de muitos autores já desaparecidos. (MOURÃO-FERREIRA, 1987:5-6)

Desse modo, se torna necessário um trabalho voltado para os textos contidos no periódico *Colóquio/Letras*. Principalmente, uma análise que privilegie os artigos da seção *Ensaio* dada à riqueza de informações, estudos e opiniões críticas a respeito da Literatura que se encontram nesses artigos.

2. EÇA DE QUEIRÓS: UMA REFERÊNCIA LITERÁRIA EM TODO O MUNDO LUSÓFONO

O escritor José Maria Eça de Queirós (1845-1900) é considerado o grande mestre do romance português moderno e certamente o mais popular entre os escritores de Portugal do século XIX, figura principal do Realismo-Naturalismo português. Eça desempenhou um importante papel na história das relações culturais luso-brasileiras, sendo que os leitores que teve no Brasil começaram a lê-lo praticamente em simultâneo com os leitores portugueses.

De acordo com o crítico literário português, Carlos Reis (1975), um estudo das obras de Eça de Queirós que se pretenda eficiente e global, não pode deixar de ter como fundamento que as características específicas da ficção queirosiana, enquanto conjunto de realizações estético-literárias, são resultantes de determinados intuitos e respondem a

certos estímulos. Essa hipótese pode ser comprovada por meio da comparação de obras como: *O Primo Basílio* e *A Relíquia*, *O Crime do Padre Amaro* e *A Correspondência de Fradique Mendes*. Tais obras surgem a partir de motivações diferentes e representam marcos de um processo evolutivo a que se submeteu a escrita de Eça.

Em sua chamada fase naturalista – *O Crime do Padre Amaro* (1975), *O Primo Basílio* (1878) - Eça de Queirós acreditava que com a ajuda das ciências seria possível construir textos elaborados que trouxessem, para a reflexão dos leitores, problemas concretos de sua vida cotidiana, em suas facetas sociais, políticas, econômicas e também psicológicas e que, dessa forma diagnosticados, poderiam ser superados no que apresentassem de errado. Eça pretendia através das idéias contidas em sua literatura reformar o país, lutando contra o atraso político, econômico e social de sua terra. Buscava uma arte comprometida com a transformação social.

Diferentemente da postura adotada em obras como, por exemplo, *A Relíquia* e *O mandarim*, onde Eça rompe com as intenções que dominaram *O Crime do Padre Amaro* e *O Primo Basílio*. No caso de *A Relíquia* comenta a Professora Lyslei de Souza Nascimento sobre o afastamento do autor dos pressupostos realistas, a respeito da representação mimética da realidade:

No entanto em *A relíquia*, 1 Eça de Queirós se afasta desses pressupostos de construção textual, de caráter puramente mimético, para efetuar na narrativa uma distensão. O retrato da realidade pretendido pelo autor recebe tintas e traços que ampliam o espelhamento da realidade e a narrativa adquire tons irônicos denunciando um avanço estratégico do texto. (NASCIMENTO, 1997:609)

Embora a revista *Colóquio/Letras* nunca tenha dedicado um número monográfico à obra de Eça de Queirós, este é tratado em 32 artigos no período de 1971 até a data de publicação do número mais recente.

3. O OLHAR DA CRÍTICA SOBRE A OBRA QUEIROSIANA

O estudioso português, Vitor Manuel de Aguiar e Silva, acredita que dado o caráter plurissignificativo da linguagem literária:

[...] as grandes obras literárias de todos os tempos têm suscitado e continuam a suscitar tão diversas interpretações, oferecendo ao leitor a sua inexausta riqueza e guardando sempre um indevassado segredo. Não é elucidativo, por exemplo, que a obra de Racine, tão estudada e dissecada através dos tempos, tenha revelado novas feições nos nossos dias, ao ser analisada sob o ponto de vista psicanalítico, sociológico e estruturalista? (SILVA, 1976:57)

Tendo em vista os valores históricos, culturais, literários e ideológicos implicados no ato de se fazer crítica literária; e a multissignificação apresentada pela escrita queirosiana, pretende-se, por meio deste projeto de mestrado – “Eça de Queirós e a crítica literária: revista *Colóquio/Letras* (nº. 01-165/1971-2003)” – entender a relação entre o discurso crítico e a obra de Eça de Queirós.

O objetivo da pesquisa é compreender as diversas formas utilizadas pela crítica literária ao estudar a produção de Eça de Queirós. Para isso, elege-se como *corpus* os artigos publicados na seção *Ensaio* da revista portuguesa *Colóquio/Letras*, que tenham

como tema o autor de *Os Maias*. Desse modo, ambiciona-se: a) identificar as diversas correntes críticas que interpretam a obra de Eça de Queirós, na revista *Colóquio/Letras*, no período de 1971 – 2003; b) constatar quais são as obras mais valorizadas em cada década (70, 80, 90 e início dos anos 2000); c) analisar os diversos recursos utilizados pelos articulistas para examinar uma mesma obra de Eça; d) verificar se a *Colóquio/Letras* compartilha dos mesmos critérios de valor demonstrados pela crítica literária em voga no período em questão. Esses itens tornarão possível a elaboração do perfil da crítica literária acerca de Eça de Queirós presente na *Colóquio/Letras* (1971-2003).

Enfim, busca-se na revista *Colóquio/Letras*, um periódico especializado em literatura, o diálogo entre a obra de Eça de Queirós e a crítica literária. Partindo da constatação de que a crítica literária tem um papel importante para a cultura, pois é responsável pelo diálogo entre as propriedades das obras e as exigências literárias de um determinado período; que Eça de Queirós é o grande mestre do romance português moderno e certamente o mais popular entre os escritores de Portugal do século XIX, figura principal do Realismo-Naturalismo português, este projeto se propõe a analisar os artigos da seção "Ensaio" do periódico português *Colóquio/Letras* (1971-2006) que tenham como tema o escritor Eça de Queirós (1845-1900), sob perspectiva das principais correntes da crítica literária do século XX. A partir da observação dos distintos discursos críticos, construiremos o perfil da crítica literária acerca de Eça de Queirós na revista *Colóquio/Letras*.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- NASCIMENTO, Lyslei de Souza (1997). "A construção da ficção em *A Relíquia*: caricaturas e cenários", in: *Encontro Internacional de Queirozianos*, III, São Paulo. Anais.
- MOURÃO-FERREIRA, David; AMARO, Luís (1987). "Número 100", in: *Colóquio/Letras* 100, pp. 5-6.
- REIS, Carlos (1975). *Estatuto e perspectiva do narrador na ficção de Eça de Queirós*. Coimbra: Almedina.
- SILVA, Victor Manuel Aguiar (1976). *Teoria da literatura*. São Paulo: Martins Fontes.